

## DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO<sup>1</sup>

Não fora por tantas outras razões; tivera de ser somente por este momento, e eu percorreria outra vez os mesmos caminhos, todos os caminhos, e cometeria até, se fosse preciso, os mesmos erros, somente para estar aqui e desfrutar deste momento de realização suprema na vida de um professor: o carinho dos seus alunos. Meus alunos até ontem; meus colegas a partir de hoje; e meus amigos para sempre.

Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professor Hesio Cordeiro, a quem desejo a melhor sorte na gestão que se inicia; Exmo. Sr. Diretor da Faculdade de Direito, Professor Antonio Celso Alves Pereira; meus colegas professores, senhoras e senhores, bacharelandos de 1991:

Dita uma regra não escrita de protocolo que eu os deveria tratar, nesta última vez, pela segunda e solene pessoa do plural. Peço-lhes, todavia, que me dispensem. De uma parte, para pouparem-me de alguns inevitáveis embaraços gramaticais; mas sobretudo para que eu não tenha de tratá-los de modo assim formal e distante, tão diferente da nossa relação habitual. Eu não consigo me imaginar dizendo a vocês coisas como “Atentai vós, que ora ingressais novés sodalícios...” Temo que tivesse de conter o riso, nesta hora em que já estou suficientemente ocupado tendo de conter as lágrimas.

Não lhes trago, tampouco, um discurso escrito e alinhavado em renda. Pareceu-me melhor, nessa última hora, deixar falar a voz do coração. E

---

<sup>1</sup> Discurso realizado como Paraninfo da *Turma Gustavo Tepedino* – UERJ 1991. O texto é produto de transcrição de fita magnética, tendo sido mantida fidelidade ao cunho informal e coloquial da exposição oral.

administrar, com as palavras possíveis, esta asfixiante sensação de que nunca fomos tão felizes.

Falo-lhes sobre as gerações, como elas passam, como elas se sucedem, como se renovam e se reapresentam os desafios de cada uma delas. Falo-lhes com um pouco de história e um pouco de poesia, para contar as coisas como foram e são, e para cantá-las como deveriam ser. Falo-lhes, por certo, da geração de vocês; mas falo um pouco antes da nossa geração – minha e dessa figura admirável de jurista e ser humano que é o patrono que vocês escolheram, o Professor Gustavo José Mendes Tepedino. Enterro, talvez, os nossos últimos fantasmas, espanto as nossas últimas assombrações. E, quem sabe, dê até para pegar uma carona na geração de vocês.

Nós, que vivemos dias extremamente difíceis em que as pessoas de quem a gente gostava, as pessoas que a gente admirava, estavam no exílio, estavam presas, estavam mortas. Um tempo em que as rádios não tocavam as músicas de que a gente gostava, os jornais não davam as notícias que a gente sabia e os livros não contavam as histórias que a gente queria ler, porque havia a censura e uma enorme repressão. E as pessoas tinham muito medo. E nós construíamos um país que sobrevivia, com certa dignidade, na resistência democrática. Um pouco à sombra, um pouco à luz; mais à sombra que à luz.

Pouco a pouco, as pessoas aprenderam a superar o medo. Eu me lembro até hoje, no campus da PUC cercado por policiais e soldados, sete mil pessoas, no primeiro grande ato público contra a ditadura. E lá, alguém desfraldou uma faixa, impensável, radical, utópica, que dizia: “Pela anistia ampla, geral e irrestrita.” Não se passaram dois anos e veio a anistia ampla, geral e irrestrita. E nós aprendemos ali, na luta, na prática, na vida, que certos estavam os rebeldes franceses

do **chienlit**, naqueles dias atônitos no final da década de 60, com seu **slogan** desafiador: “Seja realista, peça o impossível.”

E aos poucos se perdeu o medo. Até que um milhão de pessoas nas ruas desta cidade – parece que faz muitos anos, mas foi logo ali, na esquina do tempo –, ordeiramente, pacificamente, mas dedo em riste, diziam àqueles senhores que recolhessem suas armas, recolhessem os seus tanques, recolhessem os seus torturadores e fossem para a **pura** democracia. E por convulsionados que sejam estes tempos, a ela nós chegamos. Meus queridos amigos: nós sonhamos um país em liberdade, e nós vencemos! E temos muito orgulho disso.

É bem verdade que nós sonháramos muito mais. Sonháramos entregar a vocês um país liberto da miséria, liberto da violência; um país em que o trabalho pudesse trazer, ao fim de cada dia, junto com o suor, o pão e a dignidade. E basta ter olhos de ver; basta lançar a vista pelas ruas desta cidade para constatar que nós perdemos. Pior que isto: onde nós sonháramos solidariedade, venceu a competição; onde nós sonháramos partilha, venceu o lucro a qualquer preço; onde nós sonháramos humanismo, venceu o consumo desenfreado. Perdemos de ponta a ponta.

Mas, nestes tempos em que se ressuscita com todo vigor a pregação individualista; nestes tempos em que se faz o elogio de uma visão egocêntrica do mundo – cada um por si –, eu reafirmo a vocês a minha crença, até aqui inabalada, de que os homens são feitos e nascem iguais. E que apesar das desigualdades naturais, a todos devem ser asseguradas as mesmas oportunidades. E quem quer que seja comprometido com a causa da humanidade deve viver para promover este ideal. Mesmo que corra o risco de, provisoriamente, mas apenas provisoriamente, colher pouco mais que o verso melancólico, mas insuperavelmente

belo, de Domenico Arcansuela, ao supor desfeita também a sua utopia, e sem poder prever que venceria ao final:

“Este lindo céu azul que todos vemos,  
nem é céu nem é azul.  
Lástima grande não seja verdade  
tanta beleza.”

Meus queridos amigos: se lhes falo de derrotas e de vitórias; de sucessos e de fracassos, é porque deles é feita a vida. Aqui se ganha, ali perde. E existem muitas lutas depois da vitória, e existe vida depois do fracasso. E porque assim é, porque ora se perde, ora se ganha, as coisas na vida não se medem pelos resultados, mas sim pelos princípios e pelos valores que se escolhem. Ou, como disse em dedicatória a um de vocês, **o mais importante não é a chegada, mas o caminho, e a maneira como a gente o percorre.**

E, ao longo do caminho, eu lhes digo, eu lhes peço: cuidado com a pressa. Tenham tempo de olhar para os lados, de cultivar amigos. Cuidado com a pressa, com o excesso de ansiedade. Não estejam dispostos a pagar todo e qualquer preço pelo sucesso. As coisas vêm a seu tempo. Elas sempre vêm, sobretudo quando a gente merece. E vocês merecem tanto. E mesmo quando tudo pareça muito difícil, muito distante, inalcançável, relaxem, e lembrem-se da advertência libertadora de Paulo Leminski de que “**distraídos venceremos.**”

Por certo, as coisas não caem do céu. É preciso ir buscá-las. Algumas delas, é preciso conquistar. Mergulhar fundo, correr atrás, criar asas e voar. Por vezes, será preciso voltar ao começo e refazer tudo de novo. As coisas não caem do céu. Mas quando, após haverem empenhado coração, cérebro, nervos, finalmente chegarem ao resultado desejado, finalmente chegarem onde pretendiam, desfrutem a

vitória, saboreiem o sucesso gota a gota – é uma delícia; sem esquecer, no entanto, que ninguém é bom demais, que ninguém é bom sozinho, e que, no fundo, no fundo, por paradoxal que pareça, as coisas caem mesmo é do céu; e é preciso agradecer.

Há por aí uma onda enorme de ceticismo, de descrença; uma sensação incontida de que o país se perdeu na história, que atolou sem sair do lugar. E esta é uma visão tão errada ... O Brasil é hoje muito melhor do que há dez, vinte anos atrás, quando homens insensatos torturavam até à morte meninas e rapazes de 18 anos. O País é hoje tão melhor! Falta-nos apenas um projeto generoso, que seja para toda a gente, e não para os mesmos de sempre, de geração para geração. Um País de tanta diversidade, uma gente tão criativa, é claro que existem muitas saídas. Uma delas não é a do aeroporto. Eu, que já fui e já voltei, digo a vocês, com a ajuda de Neruda, **“que mil vezes tivera de morrer, e eu queria morrer aqui; mil vezes tivera de nascer, e eu queria nascer aqui”**. Eu digo a vocês que ninguém é feliz longe de onde tem o coração. E eu hoje me sinto muito mais verdadeiro, muito mais perto da realidade, ao reproduzir para vocês a passagem de Thiago de Mello, a poesia esperançada de Thiago Mello, com que eu costumava encerrar as manifestações na época do movimento estudantil:

“A noite já foi mais noite,  
já é quase tempo de amor.  
Madrugada camponesa,  
faz escuro, já nem tanto,  
vale a pena trabalhar.  
Faz escuro, mas eu canto,  
porque a manhã vai chegar.”

Meus queridos afilhados: de todos estes nossos anos de convivência, desta relação mágica que nós estabelecemos, eu gostaria de poder sair

daqui confiante de ter sido capaz de ensinar, além de direito constitucional, três coisas que me parecem muito importantes.

A primeira delas é que é possível ser bom, fazer bem feito, sem afetação, sem perder o bom humor, tráfegando de bem com a vida. A felicidade é uma coisa muito importante, nem que seja apenas para partilhá-la com as pessoas de quem a gente gosta. A vida lá fora anda braba. E, por isso mesmo, é preciso criar dentro da gente um espaço próprio de inteireza, de integridade, indevassável ao que vai lá fora, onde se possa viver até o limite a liberdade de ser, criar e pensar. Isto é muito importante, **porque o que brilha com luz própria, não há nada que possa apagar.**

A segunda coisa que eu gostaria de ter a certeza de haver sido capaz de ensinar é que nós vivemos o mundo do direito, o mundo das leis. As leis existem para serem cumpridas. Um dos flagelos deste País é, precisamente, o descumprimento constante, reiterado e, sobretudo, impune das leis. As leis existem para serem cumpridas. Mas é preciso pensá-las criticamente. Saber a quem aproveitam, a que interesses servem, e buscar, quando seja necessário, por trás da lei, a justiça. Sem esquecer que alguns dos grandes passos da história da humanidade resultaram de algum tipo de transgressão à ordem instituída, e que por isto mesmo, algumas vezes, é preciso ousar para além da lei.

A terceira coisa que eu gostaria de ter sido capaz de ensinar é a seguinte: sempre que houver alternativa possível, escolham os caminhos que levem às coisas em que vocês acreditam e que possam fazer com sentimento. Não há dinheiro, não há sucesso no mundo capaz de neutralizar a insuportável rotina das coisas que se fazem sem fé e sem amor. Isto é muito importante para vocês. Não se desperdicem. E lembrem-se, como na canção, que **“lo que puede el sentimiento, no lo hay podido el saber.”**

Senhor Diretor, senhoras e senhores, para alívio geral, já me encaminho para o fim.

Meus queridos amigos: pouco antes de vir para cá, eu reli, ainda uma vez, o lindo cartão que vocês me deram no último dia de aula, com uma dedicatória de cada um, e em cuja capa se lia: **“começaríamos tudo outra vez”**. Talvez eu nem precisasse dizer, mas eu queria ter a certeza absoluta de que vocês saibam **que eu também**. Muitos anos vão se passar até que o acaso volte a reunir um grupo tão especialmente dotado, tão talentoso, alegre, uma gente tão bonita. Havia de tudo: petistas e pedetistas, pré e pós-modernos, intelectuais ortodoxos e heterodoxos, advogados loquazes, juristas precoces, cantores penosamente desentoados, bailarinas embevecidas, tarólogos; havia até uma princesa **transpunk**, ao que se noticia, já em terceira geração. Jamais me pareceu possível – “situa-se em algum ponto entre o implausível e o improvável”— que uma só pessoa pudesse gostar tão intensamente de tanta gente a um só tempo. Eu olho daqui pra vocês e sinto, como em **TRADUZIR-SE**, do Ferreira Gullar, **“que uma parte de mim é todo mundo”**. E agora que vocês se vão, **a outra parte será estranheza e solidão**.

É boa hora de nos despedirmos. Tão boa ou tão ruim como qualquer outra. Eu por mim poderia ficar aqui noite adentro. Mas convenhamos que pais, mães, amigos, namoradas, pretendentes, circunstantes, todos já tiveram uma dosagem bem razoável. Eu, por certo, poderia ficar aqui noite adentro, nesta prosa indevida, **“não fora pra tão longo amor, tão curta a vida.”**

E porque atendendo a muitos pedidos, mas sobretudo porque uma vez já nos separamos assim, nos perdemos pelo mundo e nos voltamos a encontrar, eu lhes digo adeus com a poesia que era uma espécie de símbolo da nossa relação: a despedida apaixonada de Ernesto Cardenal, que dizia:

“Al perderte yo a ti,  
tu y yo hemos perdido.  
Yo por que tu eras  
lo que yo más amaba.  
Y tu por que yo era  
el que te amaba más.  
Pero de nosotros dos,  
tu pierdes más que yo:  
Porque yo podré amar a otras  
como te amaba a ti.  
Pero a ti non te amarán tanto  
como te amaba yo.

Vão em paz, sejam bons, sejam felizes. A gente se vê por aí.